



SEMINÁRIO TEMÁTICO

Crises e ruturas na história contemporânea

CENTRO CULTURAL DE VILA DAS AVES MAIO-NOVEMBRO 2012

Casa e crise

Rui Jorge Garcia Ramos

Grupo de Investigação Atlas da Casa | CEAU-FCT | Faculdade de Arquitectura da
Universidade do Porto

O século XX é o século da casa. Pela primeira vez artistas, técnicos e políticos trouxeram o problema da construção em massa de habitação para a primeira linha do debate... foi e continua a ser uma negociação e um compromisso entre o arquitectónico e o político.

Mas a colocação do problema da casa no "centro" do século é, antes demais, reconhecer-lhe um papel vital na construção do pensamento moderno e na sua transformação em instrumento de poder. Na gestão deste balanço são delineadas as políticas públicas de habitação que vão propor e impor outras formas de habitar ao legislarem sobre os espaços da casa e sobre os hábitos de vida mais enraizados. O reduto doméstico da vida privada é assim submergido pelo direito à habitação, que num estado social é um investimento pessoal e um compromisso com sentido colectivo, enquanto que num estado autoritário é a mão do controlo político e da intromissão social.

A modernidade é a aceitação deste impasse negocial entre público e privado. A modernidade é a crise. No tempo longo do século XX é possível observar que a casa e as formas de habitar acompanham a modernidade; ou seja, a crise da habitação é a crise da modernidade. Ao olharmos a recente demolição de edifícios de habitação, construídos poucas décadas antes, para resolver a falta de casa das classes laboriosas, percebemos o anacronismo dessa solução radical que acredita numa "solução final" e ignora a própria dialética onde se insere. A crise que esses edifícios resolveram quando foram erguidos, a crise construída durante a sua utilização e degradação, são agora prolongadas, com outras expressões, na crise social, económica e ecológica aberta pela sua demolição.

Casa e crise são indissociáveis dos processos de construção da modernidade e da cidadania do século XX; são processos violentos, invasivos, que se renovam em soluções provisórias até à próxima crise. Mas é no reconhecimento deste dilema que hoje devemos procurar um outro compromisso social, colectivo, na defesa da qualidade de vida e do estado social, do qual, afinal, a Europa pós 45 é a maior construção e, apesar de tudo, um exemplo de sucesso.